



## Trabalhos Científicos

**Título:** Obstrução De Vias Aéreas Na Pediatria: Capacitação Na Sala De Espera Para Salvar Vidas

**Autores:** ANA BEATRIZ DA SILVA POLONIA (UERJ), RAQUEL FERREIRA DOS SANTOS (UERJ), CAROLINE SILVA RODRIGUES BARBOSA (UERJ), CAROLINA CASTRO BIGNO (UERJ), GABRIELA DE OLIVEIRA SARMENTO (UERJ), RODRIGO CANAVARRO PEREIRA BORGES RIBEIRO (UERJ), PEDRO MARKS LAMEGO DA SILVA (UERJ), LUÍS HENRIQUE MORAIS LEÃO (UERJ), HUGO DE ARAUJO ARAGÃO (UERJ), GIOVANNA TOLEDO SARAIVA (UERJ), CARINA SERPA LARANJEIRA (UERJ), PEDRO ANTONIO MACHADO PEREIRA DOS SANTOS (UERJ), PEDRO HENRIQUE SANT'ANNA ANTUNES (UERJ), KATIA FARIAS E SILVA (UERJ), WILLIAM FREDERIC DE ARAÚJO WILLMER (UERJ)

**Resumo:** A obstrução de vias aéreas por corpo estranho (OVACE) representa um importante problema de saúde pública na população pediátrica. No Brasil, em 2021, ocorreram 2339 óbitos de crianças entre 0 a 5 anos registrados por causa acidentais, e OVACE ocupa a terceira maior causa. Identificar perfil socioeducacional dos responsáveis em ambulatório de Pediatria, avaliar conhecimento prévio sobre OVACE e analisar o impacto das aulas abertas ministradas por graduandos de medicina no aprendizado das manobras de desobstrução nessas situações. Estudo transversal realizado em ambulatório de Pediatria, com formulário aplicado aos responsáveis pelos pacientes na sala de espera em três dias de aulas, entre abril e maio de 2024. O formulário incluiu idade, gênero, escolaridade, uma pergunta graduada de 0 (nenhum conhecimento) a 5 (pleno conhecimento) sobre conhecimento acerca do OVACE e outra, de 0 (não estaria pronto) a 5 (totalmente pronto) sobre aptidão para agir em casos de obstrução de via aérea. A amostra foi de 17 indivíduos. Dos 17 responsáveis entrevistados, a média de idade foi de 41 anos, 16 (94,1%) do sexo feminino, 9 (52,9%) com Ensino Médio completo, 4 (23,5%) com Ensino Fundamental completo e 4 (23,5%) com Ensino Superior completo. Seis participantes (35,3%) nunca tinham recebido instruções sobre OVACE e, dos que responderam que sim, 3 (17,6%) obtiveram em escola ou creche, 2 (11,8%) na clínica da família, 2 (11,8%) na televisão, 1 (5,9%) no trabalho, 1 (5,9%) nos bombeiros e 4 (23,5%) em outras fontes. Antes da aula, as respostas acerca do conhecimento variaram, 4 (23,5%) marcaram 0, 4 (23,5%) nota 2, 3 (17,6%) nota 3, 3 (17,6%) nota 4 e 3 (17,6%) marcaram 5. Quanto à prontidão, 4 (23,5%) marcaram nota 0, 2 (11,8%) nota 1, 4 (23,5%) marcaram 2, 2 (11,8%) nota 3 e 5 (29,4%) nota 5. Após a atividade, foi reaplicada a pergunta quanto ao conhecimento de OVACE, 7 (41,2%) marcaram nota 5 (pleno conhecimento), 7 (41,2%) nota 4, 2 (11,8%) nota 3 e 1 (5,9%) nota 1. Quanto a estar pronto para agir em uma situação de sufocamento, 6 (35,3%) marcaram nota 5, 4 (23,5%) nota 4, 4 (23,5%) nota 3, 2 (11,8%) nota 2 e 1 (5,9%) nota 0. Este estudo evidenciou que as aulas abertas sobre OVACE foram eficazes em aumentar o conhecimento sobre o tema em média de 60,7% e a habilidade prática na execução das manobras em 51,45%. Apesar do estudo ser realizado com uma amostra limitada, a iniciativa se mostrou como um passo inicial para mitigar as lacunas mencionadas pelos participantes, apresentando-se como uma medida promissora para reduzir os óbitos por OVACE em pacientes pediátricos.